

ANA RAFAELA SIMÕES LOURENÇO

**INVENTÁRIO DE RELAÇÕES NA FRATRIA:
ESTUDOS PSICOMÉTRICOS INICIAIS**

Orientadoras: Professora Doutora Ana Prioste e Professora Doutora Alda Portugal

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Psicologia e Ciências da Vida**

Lisboa

2019

ANA RAFAELA SIMÕES LOURENÇO

**INVENTÁRIO DE RELAÇÕES NA FRATRIA:
ESTUDOS PSICOMÉTRICOS INICIAIS**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 10 de janeiro de 2019 perante o Júri nomeado pelo seguinte Despacho Reitoral nº 341/2018 com a seguinte composição:

Presidente: Professora Doutora Patrícia Pascoal
Arguente: Professora Doutora Bárbara Nazaré
Orientadora: Professora Doutora Ana Prioste

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2019

Agradecimentos

A realização desta dissertação de mestrado contou com a orientação da Professora Doutora Ana Prioste, a quem estou imensamente agradecida. Foi incansável ao longo deste percurso. Mesmo com todo o trabalho e azáfama do dia-a-dia estive sempre muito disponível para esclarecer quaisquer dúvidas. Desenvolver este trabalho com uma pessoa que nos contagia com o seu entusiasmo e conhecimento do tema, confere-nos outra motivação e faz, sem dúvida, a diferença.

Agradeço à Professora Doutora Alda Portugal por ter lido, com detalhe, várias vezes o meu trabalho e ter sugerido diversas alterações que permitiram uma maior clareza. Foi muito importante ter alguém que domina o tema e que, de certa forma, tenha estado mais afastada do desenvolvimento do trabalho, pois assim alertou para questões que estavam a passar despercebidas na elaboração do mesmo.

Às colegas que me acompanharam neste percurso, agradeço por todo o apoio e companheirismo, por todas as partilhas e sugestões. Sem elas, tudo teria sido mais difícil.

E por fim agradeço à minha família por me terem sempre apoiado e por terem aguentado todo o meu stress, inseguranças e desabafos e ainda terem uma palavra de força que me fez sempre continuar.

Índice

Agradecimentos	3
Resumo	5
Abstract.....	6
Introdução	7
Relações na fratria: Uma perspectiva ecológica.....	9
Variáveis associadas às relações na fratria	11
O presente estudo.....	13
Método.....	14
Participantes.....	14
Instrumentos.....	15
Procedimento de desenvolvimento do instrumento e recolha de dados	18
Procedimento de análise de dados	19
Resultados.....	19
Estatística descritiva	19
Análise de construto.....	20
Análise fatorial	20
Validade convergente.....	22
Fiabilidade: análise da consistência interna.....	22
Análise das diferenças nas dimensões afeto e hostilidade em função de variáveis da constelação fraternal	22
Discussão	25
Referências	31

Resumo

Este trabalho apresenta o processo de adaptação para a população portuguesa e os estudos psicométricos iniciais do Inventário de Relações na Fratria, que avalia o afeto e a hostilidade na relação fraternal. Participaram, neste estudo, 249 adultos emergentes, com idades compreendidas entre 18 e 30 anos, que responderam a um questionário de dados sociodemográficos, ao IRF, à Escala de Confiança Diádica, à subescala de Rivalidade do Questionário de Relações na Fratria e ao Inventário de Sintomas Psicopatológicos. Foram realizadas análises psicométricas para averiguar a validade e a fiabilidade do instrumento, nomeadamente: (a) validade de construto, através da análise fatorial exploratória e análise da validade convergente, (b) fiabilidade, através da análise da consistência interna e da correlação média interitens. Também foram testadas diferenças entre grupos, tendo em conta diversas variáveis da constelação fraternal. Da análise fatorial exploratória, realizada com 13 itens, resultou uma estrutura de dois fatores, com níveis adequados de consistência interna, e 12 itens. Em relação às diferenças entre as dimensões do IRF e as variáveis da constelação fraternal, os resultados obtidos indicaram que o sexo feminino e as fratrias femininas apresentam um nível mais elevado de afeto fraternal quando comparado com o sexo masculino e com as fratrias masculinas. O IRF pode constituir-se como um instrumento de avaliação da qualidade das relações fraternais.

Palavras-Chave: relação na fratria; adultez emergente; sintomatologia psicológica; estudo psicométrico inicial.

Abstract

This work presents the process of adaptation to the portuguese population and the initial psychometric studies of the Sibling Relationship Inventory, that evaluates the affection and the hostility in the sibling relationship. In this study, 249 emergent adults, aged between 18 and 30 years, answered a questionnaire on sociodemographic data, the SRI, the dyadic trust scale, the Rivalry subscale of the Sibling Relationship Questionnaire and the Brief Symptom Inventory. Psychometric analyzes were performed to verify the validity and reliability of the instrument, namely: (a) construct validity through an exploratory factor analysis and convergent validity analysis, (b) reliability, through the analysis of internal consistency and correlation mean between interitens. In addition, differences between groups were tested, considering several variables of the fraternal constellation. From the exploratory factorial analysis, carried out with 13 items, resulted in a structure of two factors, with adequate levels of internal consistency, and 12 items. Regarding the differences between the dimensions of the SRI and the variables of the fraternal constellation, the obtained results indicated that the females and the female siblings present a higher level of fraternal affection when compared with the males and the male siblings. The SRI can be an instrument for evaluating the quality of fraternal relationships.

Keywords: sibling relationship; emergent adulthood; psychological symptomatology; initial psychometric study.

Introdução

A fratria, um dos subsistemas do sistema familiar – subsistema fraternal – refere-se à relação estabelecida entre os/as filhos/as do subsistema parental (Minuchin, 1974). As relações na fratria são experienciadas e desenvolvidas no contexto familiar e diferenciam-se das restantes relações familiares e sociais pela sua duração e longevidade, atendendo ao desenvolvimento de um vínculo que pode existir toda a vida (Cicirelli, 1995; Milevsky & Heerwagen, 2013) e que pode funcionar como uma fonte de proteção, apoio e segurança (Souza & Baptista, 2008). Diversos autores têm enfatizado as aprendizagens que ocorrem nestas relações, nomeadamente em termos de competição, negociação, partilha e manipulação (e.g., Alarcão, 2000; Cicirelli, 1973; Fernandes, 2002; McHale, Updegraff, & Whiteman, 2012). A literatura tem associado, de forma consistente, o papel das relações na fratria ao bem-estar e ao ajustamento individual (e.g., Buist, Dekovic, & Prinzie, 2013; Buist & Vermande, 2014; Milevsky, 2005). Neste sentido, as evidências empíricas têm mostrado que as relações fraternais com níveis mais elevados de afeto e níveis mais baixos de conflito e tratamento diferenciado estão associadas negativamente a perturbações de internalização e a comportamentos de externalização (Buist et al., 2013; Milevsky, 2005). De acordo com a revisão de literatura efetuada, os instrumentos que avaliam as relações na fratria que estão traduzidos e adaptados para o contexto português [e.g., Questionário de Relações na Fratria (Mota, Fernandes, & Serra, 2011)] são escassos e extensos, o que dificulta a aplicação das suas versões completas. Podendo o *Sibling Relationship Inventory* (IRF; Stocker & McHale, 1992)¹ ser um instrumento que concilia a economia de tempo à robustez psicométrica, e não estando adaptado para o contexto português, o presente estudo centra-se no processo de adaptação do IRF no estudo inicial das suas propriedades psicométricas, com uma amostra de adultos emergentes (18-30 anos). Deste modo, pretende contribuir-se para o enriquecimento da literatura na área da psicologia da família, da psicologia clínica e da adultez emergente em Portugal, através de uma compreensão mais aprofundada das relações na fratria nesta etapa desenvolvimental e da sua associação a resultados desenvolvimentais (in)adaptativos.

A pertinência deste trabalho pode ser fundamentada atendendo a diversos pontos. Desde 1960, o interesse científico crescente pela temática da relação entre irmãos tem motivado o desenvolvimento de vários instrumentos de medida que avaliam as relações percecionadas no contexto fraternal (Sanders, 2004). O *Sibling Inventory of Behavior*

¹ De agora em diante designado de Inventário de Relações na Fratria (IRF).

(Schaefer & Edgerton, 1981) foi um dos primeiros instrumentos desenvolvidos para aceder às relações fraternais na adolescência, através de 32 itens, com base, quer nas respostas dos pais sobre os filhos (heterorrelato), quer nas respostas dos próprios adolescentes (autorrelato). Em 1985, Furman e Buhrmester construíram o *Sibling Relationship Questionnaire* que avalia, através de 48 itens, quatro dimensões das relações fraternais de crianças e pré-adolescentes – afeto, poder, conflito e rivalidade. O *Sibling Inventory of Differential Experience* (Daniels & Plomin, 1985), com 73 itens, foi construído para avaliar, em fratrias de adolescentes e adultos emergentes, a interação entre irmãos/irmãs, o tratamento parental diferenciado e as características de pares e acontecimentos específicos para cada elemento da fratria. A versão original do IRF foi desenvolvida por Stocker e McHale (1992) integrando 15 itens e três dimensões – afeto, hostilidade e conflito –, tendo sido criada uma versão reduzida, posteriormente, composta por 13 itens, organizados em duas dimensões: afeto e hostilidade. No que concerne à avaliação das relações na fratria em adultos, foram identificados três instrumentos: o *Adult Sibling Relationship Questionnaire* (Lanthier & Stocker, 1992), o *The Lifespan Sibling Relationship Scale* (Riggio, 2000) e o *Adult Sibling Questionnaire* (Hodapp & Urbano, 2007). O *Adult Sibling Relationship Questionnaire* (Lanthier & Stocker, 1992) avalia três dimensões (afeto, conflito e rivalidade) através de 81 itens. O *The Lifespan Sibling Relationship Scale* (Riggio, 2000) é composto 48 itens agrupados em seis dimensões – afeto em criança, afeto em adulto, cognições em criança, cognições em adulto, comportamento em criança e comportamento em adulto. Por último, o *Adult Sibling Questionnaire* (Hodapp & Urbano, 2007) tem 163 itens e avalia o contacto, em número e em longevidade, com irmãos com deficiência; o afeto, a proximidade e a positividade da relação; e os níveis globais de saúde do irmão que são percecionados, a depressão e as recompensas de ser irmão. Tendo em conta a extensão dos instrumentos identificados, o facto de o IRF ser o que apresenta uma estrutura mais reduzida e de avaliar duas dimensões da relação na fratria consideradas centrais pela literatura (Gamble & Yu, 2014; Hindman & Hook, 2013; Ross & Milgram, 1985), justifica a relevância da sua adaptação.

Existe um corpo de literatura vasto focado nas relações na fratria na infância, na adolescência e na idade adulta. Contudo, alguns autores (e.g., Cicirelli, 1995; Conger & Little, 2010) têm apontado para uma escassez de trabalhos realizados nesta área com adultos emergentes. Esta lacuna pode ser justificada atendendo ao facto de a conceptualização da etapa desenvolvimental que decorre entre os 18 e os 25 anos como *idade adulta emergente* ser recente (Arnett, 2000, 2007). Esta etapa tem sido associada à experimentação de processos

psicológicos específicos, nomeadamente: a exploração da identidade, que se associa à exploração de diferentes áreas da vida; a experimentação, que se refere à fase em que o indivíduo explora as diversas possibilidades e oportunidades; o sentimento de ambiguidade, no sentido em que o indivíduo já não se sente como um adolescente, mas também ainda não se sente como adulto; a negatividade, que diz respeito à sobrecarga e à instabilidade associada aos desafios experienciados; e a autocentração que está relacionada com a autonomia e liberdade pessoal experienciada (Arnett, 2004; Baggio, Iglesias, Studer, & Gmel, 2014). A literatura tem realçado que, na adultez emergente, com o processo crescente de autonomização da família de origem, as relações entre irmãos alteram-se, tornando-se mais simétricas (Buhrmester & Furman, 1990) e focadas na partilha de dificuldades (Mota & Rocha, 2012).

O prolongamento da coabitação dos adultos emergentes com a família de origem, isto é, a manutenção do ninho cheio (Silveira & Wagner, 2006), tem vindo a aumentar (Henriques, Jablonski, & Féres-Carneiro, 2004), constituindo-se como um fenómeno cultural mais prevalente na Europa do Sul, atendendo ao menor incentivo à autonomização e independência (Brandão, Saraiva, & Matos, 2012). Por exemplo, em Portugal, em média, as mulheres casam-se aos 31.6 anos (PORDATA, 2017a) e os homens aos 33.2 anos (PORDATA, 2017b) e, entre 2001 e 2011, 68.3% dos jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 29 anos vivia com os pais (INE, 2014).

Tendo em conta as especificidades associadas a esta etapa do desenvolvimento (e.g., Arnett, 2004; Baggio et al., 2014), às suas implicações nas relações com a fratria (e.g., Buhrmester & Furman, 1990; Mota & Rocha, 2012) e ao prolongamento da coabitação com a família de origem (Brandão et al., 2012; Henriques et al., 2004; Silveira & Wagner, 2006), bem como à escassez de instrumentos de avaliação da qualidade da relação fraternal validados para a população portuguesa, considerou-se relevante adaptar um instrumento e desenvolver os estudos psicométricos iniciais com uma amostra de adultos emergentes.

Relações na fratria: Uma perspetiva ecológica

A família, sendo um contexto privilegiado de desenvolvimento, desempenha duas funções fulcrais: a socialização e a individuação dos seus membros (Alarcão, 2000). Deste modo, as relações familiares permitem a experimentação inicial das interações com outros (Fernandes, 2002; Lopes, Fernandes, & Relva, 2017). A relação na fratria é vista, por um lado, como uma relação de apoio e afeto e uma aliança entre iguais; e, por outro, como a

primeira expressão de relacionamento competitivo que pode resultar em manifestações de hostilidade (Sanders, 2004). Assim, a relação na fratria pode manifestar-se quer positiva (e.g., desenvolvimento de laços fortes de afeto), quer negativamente, através de exibições acentuadas de hostilidade (Abramovitch et al., 1986; Stocker & McHale, 1992). À semelhança da relação com os pais, a relação na fratria é involuntária e permanente, sendo obtida à nascença. Geralmente no relacionamento entre irmãos/irmãs há uma igual distribuição de poder, o que lhes permite relacionarem-se como iguais e manterem a horizontalidade relacional. A fratria tem, por norma, uma longa história em comum de experiências partilhadas, sendo que estas contribuem para a sua semelhança; ao invés, as experiências não partilhadas contribuem para diferenças interindividuais (Cicirelli, 1995; Mikkelsen, 2014).

As relações na fratria não ocorrem isoladamente, enquadrando-se num contexto mais alargado (Cicirelli, 1991) que influencia (e é influenciado, tendo em conta a propriedade de circularidade [Bertalanffy, 1977]) a forma como as relações se desenvolvem e os elementos da fratria evoluem (Bronfenbrenner, 1977). Vários estudos têm focado os processos intrafamiliares para explicar o desenvolvimento dos seus membros, no entanto, para compreender o desenvolvimento é essencial perspectivar a relação entre os processos extra e intrafamiliares (Bronfenbrenner, 1986).

O contexto macrossistémico diz respeito aos sistemas mais abrangentes, como a cultura, os sistemas económico, social, político, educativo e jurídico (Bronfenbrenner, 1977). A este nível macro importa refletir sobre as alterações sociais e económicas que ocorreram em Portugal desde os anos 60, nomeadamente, os baixos níveis de rendimento, a falta de apoio social e as políticas de habitação (Wall, Aboim, & Leitão, 2010), e a sua repercussão na redução da dimensão das fratrias (PORDATA, 2017).

O mesossistema (i.e., a interação entre diversos contextos microssistémicos nos quais a fratria está incluída) pode incluir, por exemplo, a relação entre o subsistema parental e fraternal. Por exemplo, alguns autores indicam que as relações na fratria são influenciadas pela forma como os pais lidam com cada elemento da fratria (i.e., tratamento diferenciado) e como gerem os conflitos que surgem na fratria (Mikkelsen, 2014; Stocker & McHale, 1992).

O exossistema refere-se à relação entre dois ou mais contextos, considerando que a fratria não está inserida em (pelo menos) um deles, sendo, portanto, influenciada indiretamente (Bronfenbrenner, 1986). Neste contexto, poderá ser importante considerar a

relação entre o subsistema parental e o subsistema conjugal e o efeito *spillover*² (Repetti, 1987), principalmente em situações em que o conflito conjugal influencia o comportamento parental (e.g., Amato & Sobolewski, 2007), podendo aumentar a conflituosidade também na fratria através do conflito de lealdade a um dos pais, por exemplo.

O cronossistema centra-se na dimensão temporal e no efeito do tempo em todos os outros contextos sistémicos (Bronfenbrenner, 1986; Bronfenbrenner, 1977; Papalia, 2001), pelo que nos remete para a evolução das relações na fratria ao longo das etapas do ciclo de vida. Na infância e adolescência, a relação na fratria tende a ser diária e mais íntima, em comparação com a relação que é desenvolvida na idade adulta, em que a intimidade tende a ser mantida à distância (Buhrmester & Furman, 1990; Cicirelli, 1995). A literatura também mostra que, quando os elementos da fratria entram na idade adulta, tende a existir uma distribuição de poder mais igualitária (Mikkelsen, 2014), em comparação com etapas desenvolvimentais anteriores.

Variáveis associadas às relações na fratria

Vários autores têm estudado a influência das variáveis da constelação fraternal (e.g., ordem de nascimento/posição na fratria, sexo, diferenças de idade entre os irmãos e dimensão da fratria) nas diferenças individuais e relacionais entre os elementos da fratria (Fernandes, 2002; Furman & Buhrmester, 1985). A literatura tem sugerido que as fratrias homogéneas em relação ao sexo (i.e., irmã-irmã ou irmão-irmão) e que as díades femininas (i.e., irmã-irmã) apresentam níveis mais elevados de afeto e proximidade do que as fratrias heterogéneas (i.e., irmão-irmã) e díades masculinas (i.e., irmão-irmão) (Furman & Buhrmester, 1985; Scharf, Shulman, & Avigad-Spitz, 2005). Para além disso, a relação entre a composição da fratria em relação ao sexo (mista ou homogénea) e o afeto parece ser influenciada pela diferença etária entre os irmãos (Campion-Barr & Smetana, 2010; Furman & Buhrmester, 1985). Por exemplo, os resultados do trabalho de Furman e Buhrmester (1985) sugeriram que as fratrias heterogéneas em relação ao sexo e com uma reduzida diferença de idades (menos de quatro anos) apresentam níveis mais baixos de afeto e níveis mais elevados de conflito do que fratrias com diferenças etárias mais elevadas. Num estudo realizado por Orucu e Er (2017), que procurou investigar a relação entre o sexo dos irmãos, a satisfação da comunicação e a confiança experienciada na fratria, com uma amostra de 272 adolescentes com idades

² Definido pela ocorrência de uma experiência stressante num contexto que tem um impacto direto e a curto prazo sobre o afeto ou o comportamento de um indivíduo noutro contexto.

compreendidas entre 14 e 18 anos ($M = 15.80$, $DP = .95$), demonstrou que o sexo feminino tende a apresentar um maior nível de confiança diádica e de satisfação na comunicação com os elementos da fratria, sobretudo quando são do mesmo sexo, quando comparado com o sexo masculino.

Alguns estudos têm focado a associação entre posição na fratria e a sintomatologia psicopatológica, apresentando resultados inconsistentes. Por exemplo, o trabalho de Gates e colaboradores (1998), focado na relação entre a ordem de nascimento, a depressão, a ansiedade e o autoconceito, com uma amostra de 404 crianças entre os sete e os 12 anos, mostrou que o/as primeiro/as filho/as apresentavam níveis mais baixos de sintomatologia depressiva e ansiosa e níveis mais elevados de autoconceito. No mesmo sentido, o trabalho de Taanila e colaboradores (2004), focado na relação entre as perturbações emocionais e do comportamento, a dimensão da fratria e a ordem de nascimento em crianças de diferentes estruturas familiares (e.g., monoparentais, reconstituídas), com uma amostra de 8416 crianças em idade escolar (com idades compreendidas entre os 7 e os 8 anos), mostrou que ocupar a primeira posição na fratria poderia funcionar como um fator protetor em relação a perturbações do comportamento. Por outro lado, Carballo e colaboradores (2013) realizaram um estudo com o objetivo de perceber se a posição na fratria e a dimensão da fratria tinham implicações no desenvolvimento de perturbações emocionais e/ou comportamentais comuns na infância, com uma amostra de crianças em idade escolar ($M = 9.5$, $DP = 3.8$). Os resultados deste estudo indicaram que o/a primeiro/a filho/a tinha um maior risco de desenvolver perturbações emocionais quando comparado com o/a filho/a do meio e que a dimensão da fratria se encontrava positivamente associada a perturbações de comportamento (i.e., quanto maior a dimensão da fratria, maior o nível de perturbações de comportamento dos seus elementos) (Carballo et al., 2013). Os autores interpretaram este resultado sugerindo que o desenvolvimento do/a primeiro/a filho/a pode ser influenciado negativamente pelo nascimento do irmão/da irmã, reflectindo-se no aumento do risco de desenvolvimento de perturbações emocionais (Adler, 2006).

Têm também sido desenvolvidos diversos trabalhos empíricos que procuram explorar a relação entre o ajustamento psicológico e a relação na fratria. O estudo de Milevsky (2005), centrado na relação entre o apoio percebido na fratria e o ajustamento psicológico (avaliado através da autoestima, depressão, solidão e satisfação com a vida), com uma amostra de 305 adultos emergentes, com idades compreendidas entre 19 e 33 anos ($M = 22.41$, $DP = 3.25$), mostrou a existência de uma associação negativa entre o apoio na fratria, a

solidão e a depressão, e uma associação positiva entre o apoio na fratria, a autoestima e a satisfação com a vida. No mesmo sentido, Buist e colaboradores (2013), num estudo de meta-análise, mostraram que as relações na fratria percebidas como mais positivas (i.e., níveis elevados de afeto e níveis baixos de conflito e de tratamento diferenciado) estão associadas negativamente a perturbações de internalização e de externalização. Os autores realçaram o facto de que a qualidade das relações na fratria pode promover estratégias para regular as emoções, contribuindo para o ajustamento e diminuindo a sintomatologia ansiosa e depressiva.

Recentemente, o estudo de Portner e Riggs (2016), com uma amostra de 575 adultos emergentes ($M = 20.6$, $DP = 4.3$), mostrou que, apesar dos elementos da fratria reportarem emoções e pensamentos positivos para com os outros elementos da fratria, têm menos comportamentos positivos com eles. Os autores apontam como hipótese explicativa para este resultado o facto de ser nesta fase que os indivíduos começam a separar-se das famílias de origem, limitando assim as oportunidades para interagir e demonstrar comportamentos de apoio para com os/as seus/suas irmãos/ãs (Portner & Riggs, 2016).

Num estudo de Pinheiro, Fernandes e Relvas (2017) realizado com uma amostra de 244 adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos ($M = 15.01$, $DP = 1.86$), que pretendia estudar em que medida o tratamento parental diferenciado variava em função do sexo e idade dos adolescentes e analisar as associações entre os sintomas emocionais negativos e o tratamento parental diferenciado, mostrou que os adolescentes do sexo masculino sentem mais diferenças ao nível do tratamento parental quando comparados com os do sexo feminino e que a depressão e o tratamento diferenciado materno estão associados positivamente.

O presente estudo

Considerando o interesse científico que a relação na fratria tem recebido por parte das comunidades académica e clínica (Milevsky & Heerwagen, 2013) e a inexistência de um instrumento validado para a população portuguesa que avalie, de forma breve e sumária, as relações na fratria através da frequência com que um conjunto de sentimentos e comportamentos ocorre, torna-se relevante a existência de uma medida adaptada e validada para o contexto português e para adultos emergentes. Deste modo, o presente estudo pretende: (1) traduzir e adaptar o IRF para a língua portuguesa, (2) analisar as propriedades psicométricas do IRF através da análise da validade (de conteúdo e de construto) e da

fiabilidade (consistência interna e correlações médias interitens), e (3) analisar as diferenças nas dimensões do IRF em função das variáveis da constelação fraternal.

O estudo da validade de construto foi realizado através da exploração da estrutura fatorial da versão portuguesa do IRF numa amostra de adultos emergentes portugueses e do estudo da validade convergente. Tendo em conta a literatura que mostra uma associação negativa entre a qualidade da relação entre irmãos e problemas de internalização (e.g., depressão e ansiedade) (Buist et al., 2013; Buist & Vermande, 2014), a validade convergente da escala foi estudada através das associações entre a dimensão de afeto do IRF e as dimensões de ansiedade e depressão do Inventário dos Sintomas Psicopatológicos (BSI). A validade convergente foi também estudada através da associação entre a dimensão de hostilidade do IRF e a dimensão de hostilidade do BSI, já que, apesar de avaliarem a hostilidade de formas diferentes (relacional e individualmente), avaliam o mesmo conceito. Considerando a literatura que mostra uma associação entre as dimensões da relação na fratria e o tratamento diferenciado/rivalidade (Kowal & Kramer, 1997; McHale, Updegraff, Jackson-Newsom, Tucker, & Crouter, 2000), a validade convergente foi também analisada através da relação entre as dimensões do IRF e a dimensão da Rivalidade/Tratamento diferenciado do instrumento Questionário de Relações na Fratria. Tendo em conta a literatura que indica uma associação entre as dimensões do IRF e a confiança diádica (Howe, Aquan-Assee, Bukowski, Lehoux, & Rinaldi, 2001; Martin, Anderson, Burant, & Weber, 1997), a Escala de Confiança Diádica foi também utilizada para analisar a validade.

Método

Participantes

Neste estudo, participaram 249 adultos emergentes, com idades compreendidas entre 18 e 30 anos ($M = 23.16$, $DP = 3.68$), sendo que 40.2% ($n = 100$) são do género masculino e 59.8% ($n = 149$) do género feminino. No que diz respeito à profissão, 52.6% ($n = 131$) eram estudantes, 31.7% ($n = 79$) eram trabalhadores, 6% ($n = 15$) eram trabalhadores-estudantes e 4.8% ($n = 12$) estavam desempregados. Relativamente à situação relacional, 42.6% não tinha uma relação de namoro ($n = 106$), 39.8% tinha uma relação de namoro ($n = 99$), 9.2% estavam casados ($n = 23$) e 6.8% viviam em união de facto ($n = 17$). No que se refere à coabitação, 55.5% vivem com a família nuclear intacta ($n = 136$), 11% coabita em família monoparental ($n = 27$), 9% coabita com a família alargada ($n = 22$), 7.3% coabita com o par amoroso ($n = 18$), 6.5% vive sozinho ($n = 16$), 4.1% mora apenas com a fratria ($n = 10$), 4.1%

vive com os amigos ($n = 10$) e 2.4% vive com a família reconstituída ($n = 6$). No que se refere à coabitação conjunta da fratria, 82% vivem juntos ($n = 201$) e 17.9% não vivem juntos ($n = 44$). Quanto à escolaridade, 47% frequentava a universidade ($n = 117$), 29.7% tinham 10-12 anos de escolaridade ($n = 74$), 3.6% tinham 7-9 anos de escolaridade ($n = 9$) e 0.8% 5-6 anos de escolaridade ($n = 2$). No que se refere à zona de residência 46.2% dos participantes residiam na zona da grande Lisboa ($n = 115$), 21.7% residiam nos Açores ($n = 54$), 18.1% na Madeira ($n = 45$), 10.4% na região Centro ($n = 26$), 1.2% no Norte ($n = 3$) e 0.4% no Alentejo ($n = 1$). Em relação ao acompanhamento psicológico, 75.9% nunca teve ($n = 189$), 19.7% teve no passado ($n = 49$) e 4% tem atualmente ($n = 10$).

Relativamente à posição na fratria 41.4% são o segundo filho ($n = 103$), 35.3% são o primeiro filho ($n = 88$), 14.9% são o terceiro filho ($n = 37$), 5.6% são o quarto filho ($n = 14$) e 1.6% são o quinto filho ($n = 4$). No que se refere à dimensão da fratria, 47.8% tem apenas um irmão ($n = 119$), 26.9% tem dois irmãos ($n = 67$), 12.4% tem três irmãos ($n = 31$), 6.8% tem quatro irmãos ($n = 17$) e 5.6% tem cinco ou mais irmãos ($n = 14$). Em relação à composição das fratrias, 69.5% são mistas ($n = 173$) e 30.1% são homogéneas ($n = 75$) no que corresponde ao género. Das fratrias homogéneas, 19.3% são femininas ($n = 48$) e 10.8% são masculinas ($n = 27$). Quanto à diferença etária, 49.4% tem uma diferença de idades em relação ao irmão/ã de até quatro anos ($n = 123$) e 48.6% apresenta uma diferença de idades em relação ao irmão/ã de mais de quatro anos ($n = 121$).

Instrumentos

Questionário de dados sociodemográficos. Os participantes responderam a um questionário de dados sociodemográficos que inclui questões relativas a variáveis individuais (e.g., idade, género, nível de escolaridade), familiares (e.g., com quem viveu durante a infância, situação relacional dos pais) e fraternais (e.g., posição na fratria, idade dos irmãos).

Inventário de Relações na Fratria. O IRF (*Sibling Relationship Inventory*; versão original: Stocker & McHale, 1992; versão para investigação: Portugal & Prioste, 2017) é um instrumento de autorrelato constituído por 13 itens que avaliam as relações na fratria através da frequência com que um conjunto de sentimentos e de comportamentos ocorre, numa escala de *Likert* de cinco pontos (de 1 = *nunca* a 5 = *sempre*). O IRF foi desenvolvido para avaliar duas dimensões das relações entre irmãos: afeto, constituída por oito itens (e.g., “Com que frequência faz coisas boas como ajudar ou fazer favores ao seu irmão/à sua irmã?”) e

hostilidade, constituída por cinco itens (e.g., “Com que frequência se sente irritado ou zangado com o seu irmão/a sua irmã?”).

No estudo de validação do IRF (Stocker & McHale, 1992), com uma amostra de irmãos mais velhos (a frequentar o quarto ou quinto ano) e mais novos (com pelo menos 6 anos): 21 pares de irmãos (irmão – irmão), 32 pares de irmãs (irmã – irmã), 27 pares de irmãos (irmão – irmã) e 23 pares de irmãos (irmã – irmão), as dimensões da escala demonstraram níveis adequados de consistência interna, variando entre $\alpha = .74$ para a dimensão de hostilidade e $\alpha = .82$ para a dimensão de afeto.

Escala de Confiança Diádica. A Escala de Confiança Diádica (*Dyadic Trust Scale*, DTS; versão original: Larzelere & Huston, 1980; versão para investigação: Portugal & Prioste, 2017) é um instrumento de autorrelato constituído por oito itens que avaliam a crença na benevolência e honestidade dos irmãos/das irmãs (e.g., “O meu irmão/a minha irmã é fiel e justo/a comigo”), numa escala de *Likert* de sete pontos (de 1 = *concordo fortemente* a 7 = *discordo fortemente*). A versão original tem uma estrutura unidimensional e avalia a confiança diádica em relações amorosas. Por indicação dos autores, este instrumento é passível de ser adaptado a qualquer relação diádica de intimidade. Neste estudo, foi usada uma versão adaptada para as relações fraternais. Quanto mais elevada é a pontuação total da escala, maior é o nível de confiança diádica na relação entre os irmãos/as irmãs.

No estudo de validação inicial, com uma amostra de 318 participantes, a DTS revelou um nível adequado de consistência interna ($\alpha = .93$). No presente estudo, esta escala também indicou um nível adequado de consistência interna ($\alpha = .88$).

Questionário de Relações na Fratria. O Questionário de Relações na Fratria (*Sibling Relationship Questionnaire*, SRQ; versão original: Furman & Buhrmester, 1985; versão adaptada para a população portuguesa: Mota et al., 2011) é um instrumento de autorrelato com 48 itens, que avalia o relacionamento entre irmãos, através de quatro dimensões: poder, isto é, o grau da direção da assimetria no relacionamento, a qualidade de suporte e de dominância; proximidade, isto é, a intimidade, o comportamento pró-social, a admiração, a qualidade de afeto e a similitude; o conflito, ou seja, a oposição, a disputa e a competição; e a rivalidade, que se refere à parcialidade parental/tratamento parental diferenciado. Neste estudo, apenas foi utilizada a subescala Rivalidade que integra seis itens relativos à parcialidade parental (materna e paterna) (e.g., Geralmente, quem é tratado melhor pela sua mãe?). Os itens desta subescala são avaliados numa escala de *Likert* de cinco pontos (1 = *quase sempre, o meu irmão/a minha irmã* a 5 = *quase sempre, eu*).

No trabalho de Furman e Buhrmester (1985), os coeficientes de consistência interna encontrados foram superiores a .70 para todas as escalas, exceto para a de competição (.63) (escala que faz parte da dimensão Conflito). Relativamente à versão traduzida para português, a análise da consistência interna revelou um valor de alfa de *Cronbach* de .94 para o instrumento (Serra & Mota, 2013). No presente estudo, a escala de parcialidade parental revelou um valor adequado de consistência interna ($\alpha = .79$).

Inventário de Sintomas Psicopatológicos. O Inventário de Sintomas Psicopatológicos (*Brief Symptom Inventory*, BSI; versão original: Derogatis, 1982; tradução e adaptação para a população portuguesa: Canavarro, 1999) é um instrumento de autorrelato constituído por 51 itens que avaliam a frequência com que o participante sentiu um conjunto de sintomas, durante a última semana. Os participantes responderam ao BSI através de uma escala de *Likert* de cinco pontos (de 0 = *nunca* a 4 = *muitíssimas vezes*). Este inventário avalia nove dimensões de sintomatologia (e.g., Somatização, Obsessões-compulsões, Sensibilidade interpessoal, Depressão, Ansiedade, Hostilidade, Ansiedade fóbica, Ideação paranóide e Psicoticismo) e permite também avaliações breves de perturbação emocional através de três índices globais: Índice Geral de Sintomas, Índice de Sintomas Positivos e Total de Sintomas Positivos. Neste estudo foram utilizadas as dimensões depressão, ansiedade e hostilidade. A depressão é avaliada através seis itens que se referem a sintomas de afeto e humor disfórico, perda de energia vital e falta de motivação e de interesse pela vida (e.g., “Não ter interesse por nada”). A ansiedade é medida através de seis itens referentes ao nervosismo e tensão, sintomas de ansiedade generalizada e ataques de pânico (e.g., “Nervosismo ou tensão interior”). A hostilidade é avaliada através de cinco itens alusivos a pensamentos, emoções e comportamentos característicos do estado afetivo de cólera (e.g., “Aborrecer-se ou irritar-se facilmente”).

No estudo de validação de Canavarro (1999), com uma amostra composta por 551 participantes, o BSI apresentou níveis de consistência interna adequados. Nas dimensões que são utilizadas para este estudo (depressão, ansiedade e hostilidade), a análise da consistência interna revelou um alfa de *Cronbach* de .73, .77 e .76 respetivamente (Canavarro, 2007). No presente estudo os valores de alfa de *Cronbach* para as dimensões depressão, ansiedade e hostilidade foram .86, .83 e .77, respetivamente.

Procedimento de desenvolvimento do instrumento e recolha de dados

Após a autorização, por parte das autoras do instrumento original, para a adaptação da escala para a população portuguesa, a tradução do IRF foi realizada por duas psicólogas que dominam a língua inglesa, de forma individual. Tendo em conta a equivalência lexical, conceptual e gramatical, procurou encontrar-se um consenso entre as duas versões, de modo a que os itens da versão portuguesa refletissem o sentido dos itens da escala original. Seguidamente, uma especialista em língua inglesa realizou a retroversão dos itens. Após estes procedimentos, a escala foi aplicada a um grupo-piloto de dez participantes composto por adultos emergentes, com pelo menos um irmão/uma irmã com idade compreendida entre os 18 e os 30 anos, com o qual se discutiu a adequação vocabular e a compreensão dos itens. A escala foi também analisada por duas especialistas na área da Psicologia Clínica.

A divulgação do estudo e a recolha de dados teve início após a aprovação do estudo pela Comissão de Ética e Deontologia em Investigação Científica (CEDIC) da Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (EPCV, ULHT). Da amostra inicial faziam parte 341 participantes. Para inclusão no presente estudo foram estabelecidos os seguintes critérios: ter idade entre os 18 e os 30 anos, ter nacionalidade portuguesa e ter pelo menos um/a irmão/irmã com idade compreendida nesse mesmo intervalo. Foram excluídos quatro participantes ($n = 4$, 1.2%) por terem idades que se encontravam fora do intervalo estipulado: dois participantes tinham 17 anos, um tinha 34 anos e um tinha 35 anos. Para além disso, 88 participantes ($n = 88$, o que correspondia a 31.6% da amostra) foram excluídos por não terem nacionalidade portuguesa.

A amostra foi recolhida através de uma técnica não probabilística denominada *bola-de-neve*, sendo uma amostra de conveniência (Pais-Ribeiro, 2007). A amostra foi recolhida através de aplicações em grupo, na presença das investigadoras, em contexto de sala de aula a estudantes do ensino superior de diversas Universidades (e.g., ULHT, Universidade da Madeira, Universidade de Lisboa e Universidade Católica Portuguesa) e através de contactos pessoais das investigadoras (e.g., rede social, amigos, família, conhecidos). A maioria dos protocolos de investigação foram entregues e devolvidos num envelope. A colaboração de todos os participantes foi voluntária, sem qualquer recompensa e ocorreu após a explicação dos objetivos do estudo e a assinatura do termo de consentimento informado.

Procedimento de análise de dados

O tratamento estatístico dos dados foi executado com recurso ao software *Statistical Package for Social Sciences (SPSS) 22.0 for Windows*. Inicialmente, realizou-se a estatística descritiva dos itens da versão portuguesa do IRF, através do cálculo da média, desvio-padrão, máximo, mínimo, curtose, erro padrão da curtose, assimetria, erro padrão da assimetria, efeito teto e efeito chão.

A validade de construto foi avaliada através de uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) e da validade convergente. A estrutura relacional dos 13 itens do IRF foi avaliada pela AFE, sobre uma matriz de correlações, com extração dos fatores pelo método de Componentes Principais, seguida de uma rotação oblíqua (*direct oblimin*), por esta permitir uma boa abordagem geral, maximizando a dispersão dos fatores e simplificando a sua interpretação (Field, 2009). Para avaliar a validade convergente das dimensões do IRF foram calculados os coeficientes de correlação de *Pearson* entre as dimensões da escala e as dimensões Depressão, Hostilidade e Ansiedade do BSI, a dimensão Rivalidade/tratamento diferenciado do Questionário de Relações na Fratria e a Escala de Confiança Diádica. No que concerne à fiabilidade, esta foi estimada através do alfa de *Cronbach* (α) e das correlações médias interitem, $r_{m.i.}$. O estudo das diferenças entre as dimensões do IRF e as variáveis da constelação fraternal foi realizado através do teste *t-Student* para amostras independentes e análises de variância (ANOVA), em que o tamanho do efeito dos resultados foi avaliado pelo *d* de Cohen. Em todos os procedimentos estatísticos, foi estabelecido um nível de significância de 5% ($p < .05$).

Resultados

Estatística descritiva

O Quadro 1 apresenta a estatística descritiva (média, desvio padrão, assimetria, erro padrão da assimetria, curtose, erro padrão da curtose, mínimo, máximo, efeito teto e efeito chão) dos itens da versão portuguesa do IRF. O efeito teto e o efeito chão são considerados presentes se mais de 15% dos participantes obtiverem a pontuação mais alta ou mais baixa, respetivamente. Quando se verificam estes efeitos é provável que os itens extremos estejam ausentes na extremidade inferior ou superior da escala (Terwee et al., 2007; Wamper, Sierevelt, Poolman, Bhandari, & Haverkamp, 2010).

Em relação à assimetria, tal como se pode observar no Quadro 1, a maioria dos itens apresenta uma distribuição simétrica, no entanto os itens 5, 6 e 8 apresentam uma distribuição

assimétrica à direita e os itens 11, 12 e 13 apresentam uma distribuição assimétrica à esquerda. No que se refere ao achatamento, a maioria dos itens apresenta uma distribuição mesocúrtica, com a exceção dos itens 3, 4 e 10 que apresentam uma distribuição platicúrtica e o item 5 que apresenta uma distribuição leptocúrtica (Marôco, 2014; Meyers, Gamst, & Guarino, 2017).

Quadro 1.

Estatística Descritiva da Versão Portuguesa do IRF

Item	M (DP)	Assimetria (Erro)	Curtose (Erro)	Min-Max	Efeito Teto (%)	Efeito Chão (%)
1	2.61 (.751)	.44 (.16)	.02 (.31)	1-5	0.8	3.2
2	2.57 (.797)	.34 (.16)	-.09 (.31)	1-5	0.8	5.6
3	2.82 (1.204)	-.10 (.16)	-.97 (.31)	1-5	8.4	15.3
4	3.04 (1.427)	-.11 (.16)	-1.28 (.31)	1-5	19.7	21.7
5	1.48 (.786)	1.62 (.16)	2.13 (.31)	1-5	0.4	66.7
6	2.01 (.967)	.85 (.16)	.31 (.31)	1-5	1.6	34.1
7	3.61 (.794)	-.32 (.16)	.21 (.31)	1-5	10.8	0.8
8	2.41 (1.146)	.53 (.16)	-.46 (.31)	1-5	5.6	24.5
9	3.30 (.894)	-.25 (.16)	-.01 (.31)	1-5	7.2	2.8
10	3.15 (1.092)	-.01 (.16)	-.74 (.31)	1-5	11.6	5.6
11	3.95 (1.019)	-.66 (.16)	-.40 (.31)	1-5	36.9	1.2
12	3.68 (.993)	-.53 (.16)	-.24 (.31)	1-5	20.5	2
13	3.86 (1.009)	-.64 (.16)	-.24 (.31)	1-5	30.1	1.6

Validade de construto**Análise fatorial**

Na primeira AFE que foi realizada, a medida de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) indicou que a amostra é adequada para a análise, KMO = .82 (valor considerado muito bom, de acordo com Hutcheson & Sofroniou, 1999). Com exceção do item 8, todos os valores de KMO para os itens individuais encontrados foram superiores a .66, estando acima do valor de aceitação de .5 proposto por Field (2009). Deste modo, tal como é sugerido por Field (2009), optou-se por realizar uma nova AFE eliminando o item 8.

Na segunda AFE realizada, a medida de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) indicou a adequação da amostra para a análise, KMO = .84 (Hutcheson & Sofroniou, 1999) e todos os valores de KMO para os itens individuais encontrados foram superiores a .66. O teste de esfericidade de Bartlett [$\chi^2(66) = 861.76, p < .001$] indicou que as correlações entre os itens são suficientemente elevadas para se conduzir uma Análise em Componentes Principais.

A análise inicial foi feita para obter *eigenvalues* para cada componente dos dados. Dois componentes apresentavam *eigenvalues* acima do critério de Kaiser de 1 e a sua combinação explicava 50.90% da variância. O Quadro 2 apresenta a saturação de cada fator (valores superiores a .40) com base nos coeficientes de correlação após a rotação.

Quadro 2.

Resumo dos Resultados da AFE dos itens do IRF (N = 240) e Matriz de Correlação entre os Fatores

Item	Fatores	
	I	II
1		.80
2		.78
3	.74	
4	.60	
5		.68
6		.72
7	.66	
9	.73	
10	.73	
11	.72	
12	.49	
13	.80	
Eigenvalues	3.98	2.12
% de variância explicada	33.18	17.72
Matriz de correlação		
Fator I	1	-.17
Fator II	-.17	1

A versão final apresenta um total de 12 itens, distribuídos por dois fatores. Os fatores que emergiram da AFE correspondem às dimensões definidas por Stocker e McHale (1992), pelo que a conceptualização dos fatores se baseou na definição original das autoras. O fator I, denominado por Afeto, engloba oito itens focados em comportamentos que expressam intimidade, cuidado e afeto. O fator II, denominado por Hostilidade, engloba quatro itens focados em comportamentos conflituosos, de crítica e emoções negativas.

Validade convergente

No sentido de avaliar a validade convergente da versão portuguesa do IRF, foram calculados os coeficientes de correlação de *Pearson* entre as dimensões deste instrumento e as dimensões depressão, ansiedade e hostilidade avaliada pelo BSI, a escala de confiança diádica e a dimensão rivalidade do Questionário de Relações na Fratria (ver Quadro 3).

Pela análise dos resultados observa-se que o afeto fraternal se encontra negativa e significativamente associado à hostilidade fraternal (associação fraca) e positiva e significativamente associado à confiança diádica (associação moderada). Quanto à hostilidade fraternal, encontra-se negativa e significativamente associada ao afeto fraternal (associação fraca) e à confiança diádica (associação fraca), e positiva e significativamente associada à ansiedade e à dimensão hostilidade avaliada pelo BSI (associações fracas).

Quadro 3.

Correlação entre as Variáveis Afeto fraternal, Hostilidade fraternal, Depressão, Ansiedade, Hostilidade, Confiança Diádica e Rivalidade (N = 240)

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7
1. Afeto fraternal	-						
2. Hostilidade fraternal	-.18**	-					
3. Depressão	-.06	-.02	-				
4. Ansiedade	-.02	.27**	-.05	-			
5. Hostilidade	-.13	.39**	.00	.73**	-		
6. Confiança Diádica	.52**	-.45**	.03	-.14*	-.24*	-	
7. Rivalidade	-.02	.06	-.01	-.02	-.02	-.03	-

Nota: * $p < .05$; ** $p < .01$

Fiabilidade: análise da consistência interna

Os índices de consistência interna, alfa de *Cronbach* (α) e homogeneidade (correlação média interitens, $r_{m.i}$), foram calculados para cada uma das dimensões, tendo sido observados os seguintes valores: $\alpha = .83$ e $r_{m.i} = .39$ para a dimensão Afeto e $\alpha = .72$ e $r_{m.i} = .40$ para a dimensão Hostilidade.

Análise das diferenças nas dimensões afeto e hostilidade em função de variáveis da constelação fraternal

No Quadro 4 encontram-se as estatísticas descritivas em relação às duas dimensões da escala em relação ao género. As médias de afeto e hostilidade fraternal foram comparadas

em função do género feminino e masculino, através do teste *t-Student* para amostras independentes. Os resultados demonstram que existem diferenças estatisticamente significativas na dimensão do Afeto fraternal entre os géneros. O género feminino apresenta níveis mais elevados de Afeto fraternal do que o género masculino, $t(238) = -3.57$, $p < .001$, ainda que apresente um efeito pequeno ($d = .47$).

Quadro 4.

Diferenças entre as Dimensões da Escala, em Função do Género

Variáveis	Feminino ($n = 146$)		Masculino ($n = 100$)		t	p
	M	DP	M	DP		
Afeto fraternal	28.46	5.4	25.81	5.9	-3.57	.00
Hostilidade fraternal	8.79	2.5	8.49	2.4	-.957	.34

No Quadro 5 encontram-se as estatísticas descritivas em relação às duas dimensões da escala para a composição das fratrias. As médias de afeto e hostilidade fraternal foram comparadas em função das fratrias homogéneas e mistas, através do teste *t-Student* para amostras independentes. Os resultados demonstraram que não existem diferenças estatisticamente significativas no que se refere ao afeto fraternal nem à hostilidade fraternal, $t(238) = 1.42$, $p = .16$ e $t(244) = .247$, $p = .81$, respectivamente.

Quadro 5.

Diferenças entre as Dimensões da Escala, em função da Composição das Fratrias

Variáveis	Fratrias homogéneas ($n = 74$)		Fratrias mistas ($n = 172$)		t	p
	M	DP	M	DP		
Afeto fraternal	28.21	5.6	27.06	5.7	1.42	.16
Hostilidade fraternal	8.73	2.6	8.70	2.4	.25	.81

No Quadro 6 encontram-se as estatísticas descritivas em relação às duas dimensões da escala para as fratrias homogéneas em relação ao género. As médias de afeto e hostilidade

fraternal foram comparadas em função da composição das fratrias em relação ao sexo (i.e., fratrias femininas e masculinas), através do teste *t-Student* para amostras independentes. Os resultados demonstram que as fratrias femininas apresentam níveis mais elevados de afeto fraternal, em comparação com as fratrias masculinas, $t(69) = -2.06$, $p = .043$, apresentando um efeito médio ($d = .51$).

Quadro 6.

Diferenças entre as Dimensões da Escala, em função da Homogeneidade do Género nas Fratrias

Variáveis	Fratrias femininas ($n = 47$)		Fratrias masculinas ($n = 27$)		t	p
	M	DP	M	DP		
Afeto fraternal	29.26	5.9	26.28	5.7	-2.06	.043
Hostilidade fraternal	8.74	2.7	8.70	2.7	-.064	.95

No Quadro 7 encontram-se as estatísticas descritivas em relação às duas dimensões da escala para a diferença etária das fratrias. As médias de afeto e hostilidade fraternal foram comparadas em função da diferença de idades até quatro anos e diferença de idades de mais de quatro anos, através do teste *t-Student* para amostras independentes. Os resultados demonstraram que não existem diferenças estatisticamente significativas no que se refere ao afeto fraternal [$t(228) = -.82$, $p = .41$] nem à hostilidade fraternal [$t(241) = .546$, $p = .59$].

Quadro 7.

Diferenças entre as Dimensões da Escala, em função da Diferença Etária das Fratrias

Variáveis	Diferença etária até quatro anos ($n = 123$)		Diferença etária de mais de quatro anos ($n = 120$)		t	p
	M	DP	M	DP		
Afeto fraternal	27.10	6.3	27.71	5.1	-.819	.42
Hostilidade fraternal	8.77	2.5	8.60	2.5	.546	.59

No Quadro 8 encontram-se as estatísticas descritivas em relação às duas dimensões da escala para a posição na fratria. As médias de afeto e hostilidade fraternal foram comparadas em função do primeiro filho, do segundo filho, do filho mais novo e sem especificação, através da análise de variância (ANOVA). Os resultados demonstraram que não existem diferenças estatisticamente significativas no que se refere ao afeto fraternal [$F(3, 235) = 1.83, p = .12$] nem à hostilidade fraternal [$F(3, 241) = 1.73, p = .14$].

Quadro 8.

Diferenças entre as Dimensões da Escala, em função da Posição na Fratria

Variáveis	1º filho (n = 88)		2º filho (n = 27)		Filho mais novo (n = 90)		Sem especificação (n = 40)		F	p
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP		
Afeto fraternal	28.29	5.3	26.26	5.5	28.24	5.7	28.24	6.5	1.83	.12
Hostilidade fraternal	8.65	2.3	9.44	2.2	8.78	2.6	8.03	2.5	1.73	.14

No Quadro 9 encontram-se as estatísticas descritivas em relação às duas dimensões da escala para a dimensão da fratria. As médias de afeto e hostilidade fraternal foram comparadas em função das fratrias reduzidas (dois irmãos), das fratrias médias (três irmãos) e das fratrias numerosas (quatro ou mais irmãos), através da análise de variância (ANOVA). Os resultados demonstraram que não existem diferenças estatisticamente significativas no que se refere ao afeto fraternal $F(2, 237) = .375, p = .69$, nem à hostilidade fraternal $F(3, 243) = 2.12, p = .12$.

Quadro 9

Diferenças entre as Dimensões da Escala, em função da Dimensão da Fratria

Variáveis	Reduzida (2) (n = 118)		Média (3) (n = 67)		Numerosa (4 ou +) (n = 61)		F	p
	M	DP	M	DP	M	DP		
Afeto fraternal	27.61	5.6	26.88	5.6	27.59	6.3	.38	.69
Hostilidade fraternal	8.58	2.4	9.16	2.4	8.31	2.5	2.12	.12

Discussão

O IRF é um instrumento de autorrelato que avalia a relação na fratria através do afeto e da hostilidade relacionais. Este estudo pretendeu traduzir e adaptar para a língua portuguesa o IRF e estudar as propriedades psicométricas deste instrumento. De uma forma mais

específica, foi analisada a validade de construto através da análise fatorial e da validade convergente e a fidelidade da medida, numa amostra de adultos emergentes portugueses. Foram também analisadas as diferenças nas dimensões afeto e hostilidade em função de diversas variáveis da constelação fraternal (género, composição da fratria, homogeneidade em relação ao género, diferença etária, posição na fratria e dimensão da fratria). Pretendeu-se que este trabalho contribuisse quer para colmatar algumas lacunas encontradas na literatura (e.g., a inexistência de instrumentos adaptados para a população portuguesa que avaliem a relação na fratria na adultez emergente), quer para o enriquecimento da literatura na área das relações na fratria na adultez emergente em Portugal.

A análise da distribuição dos itens revelou uma distribuição aproximadamente normal, quanto à assimetria e à curtose. Verificou-se, contudo, que os itens 3, 4 e 10, revelam muita variação nos dados apresentados e que o item 5 revelou pouca variação nos dados apresentados. O item 5 (“Às vezes as pessoas magoam o irmão ou a irmã de propósito, empurrando-o/a ou batendo-lhe. Com que frequência faz este tipo de coisas ao seu irmão/à sua irmã?”) apresenta efeito chão, o que é indicador de que pode não especificar com fiabilidade as respostas. Este resultado pode ser explicado pelo facto de o conteúdo deste item não ser bem adequado à adultez emergente, fase em que os indivíduos lidam com as situações de forma mais assertiva.

Da AFE, com utilização do método de Componentes Principais, com 13 itens, resultou uma versão final constituída por 12 itens, organizados em dois fatores. As duas dimensões – afeto e hostilidade – encontradas foram consistentes com as que foram propostas por Stocker e McHale (1992). Assim, os resultados apontaram para que a versão adaptada para o contexto português descreva a estrutura fatorial inicial do instrumento de 13 itens proposto por Stocker e McHale (1992). Classificar a relação fraternal com estas duas dimensões – afeto e hostilidade – faz sentido, pois os laços fraternos são descritos pelos diversos autores (Cicirelli, 1991; Fernandes, 2002; McHale et al., 2012) como tendo um polo mais positivo: relação mais próxima, calorosa e amigável, sendo que estas características estão englobadas nos itens que dizem respeito à dimensão Afeto; e por um polo mais negativo: relação distante, fria e conflituosa, sendo que estas características estão contempladas na dimensão Hostilidade. A versão do IRF adaptada para a população portuguesa demonstrou possuir valores de consistência interna adequados, avaliados pelo alfa de Cronbach e pelas correlações médias interitens (DeVellis, 2017). Deste modo, a versão

adaptada para a população portuguesa revelou ser uma medida consistente das dimensões relacionais na fratria que pretende avaliar.

No que concerne à validade convergente, as associações encontradas entre a hostilidade, afeto e a confiança diádica corroboram trabalhos anteriores (e.g., Howe et al., 2001; Martin et al., 1997). Estes resultados sugerem que a dinâmica relacional na fratria se repercute na confiança entre os elementos da fratria e vice-versa. Assim, a hostilidade relacional dificulta o desenvolvimento de confiança diádica e o estabelecimento de confiança no irmão/na irmã é dificultado através de comportamentos de crítica, agressividade e de emoções negativas. Por outro lado, os comportamentos de intimidade, afeto e cuidado potenciam (e são potenciados pelo) o desenvolvimento de um contexto seguro, aumentando o nível de confiança nas díades fraternais. Estes resultados são também consistentes com a literatura que mostra que a crença na benevolência e honestidade dos outros permite o desenvolvimento e fortalecimento de laços relacionais (Larzelere & Huston, 1980).

A validade convergente do IRF também foi verificada através da associação positiva entre a Hostilidade fraternal e a dimensão Hostilidade avaliada pelo BSI. Este resultado poderá ir de encontro à literatura que mostra que a expressão individual das componentes cognitivas, emocionais e comportamentais do estado de cólera na relação fraternal se repercute no aumento da hostilidade relacional (Peets, Hodges, Kikas, & Salmivalli, 2007). Hipotetizamos que este resultado poderá dever-se a permeabilidade da relação fraternal à expressão individual da cólera, isto é, poderá haver um contágio da negatividade e crítica do nível relacional para o individual e vice-versa.

Apesar de fraca, a associação positiva observada entre a hostilidade fraternal e a dimensão ansiedade também apoia a validade convergente do IRF. Para além disso, corrobora os resultados de estudos prévios na área das relações na fratria (e.g., Buist et al., 2013) e sublinha o papel da qualidade das relações na fratria na promoção de estratégias para regulação emocional. Enquadrando a variável hostilidade fora do contexto das relações fraternais, consideramos adequado reflectir sobre a associação positiva encontrada através da hipótese explicativa levantada por Konrad Lorenz (2003). Tendo por base uma abordagem etológica, Lorenz (2003) sugere que quando a energia do impulso hostil ou agressivo não é expressa, acumula-se e aumenta o nível da atividade fisiológica, produzindo um estado de tensão interior semelhante à sintomatologia característica da ansiedade (e.g., tensão interior e nervosismo). Esta hipótese explicativa vai no sentido dos resultados de trabalhos prévios que sugerem a reciprocidade entre a escalada da hostilidade e da sintomatologia ansiosa. Por

exemplo, o trabalho de Foulds (1965) sugeriu uma associação positiva entre a hostilidade, o criticismo dos outros e o autocriticismo e os estudos de Fava, Anderson e Rosenbaum (1990) propõem uma similitude entre episódios de raiva e perturbações de pânico. Contudo, importa também referir que este resultado não vai ao encontro de outros trabalhos que sugerem que a hostilidade é um fator redutor da ansiedade (hipótese da catarse da agressão) e que níveis elevados de ansiedade podem bloquear a expressão de hostilidade (Angelopoulos, 2006).

O facto de não se terem verificado associações significativas entre a dimensão afeto do IRF e a depressão e ansiedade, não corrobora os trabalhos anteriores que indicaram uma relação negativa entre o afeto fraternal e as perturbações de internalização (Buist et al., 2013; Buist & Vermande, 2014). Poderá ser plausível supor que a relação entre a dinâmica relacional da fratria e este tipo de sintomatologia seja mediada por outras variáveis, como a coabitação com os elementos da fratria. Neste sentido, relevam-se o facto de que: (1) os estudos que associam o Afeto fraternal e a sintomatologia depressiva e ansiosa foram conduzidos com amostras de crianças e de adolescentes que coabitam com os outros elementos da fratria; e (2) 17.9% da nossa amostra não coabita nem com a família de origem nem com a fratria. Contrariamente às associações encontradas entre a hostilidade fraternal, a hostilidade (como sintoma psicopatológico) e a ansiedade e à argumentação proposta, este resultado sugere que a sintomatologia depressiva não contagia e não é contagiada pelo afecto fraternal.

Para além disso, o facto de não terem sido encontradas associações entre as dimensões da relação na fratria e o tratamento diferenciado/rivalidade não corrobora os estudos anteriores (e.g., Feinberg, Solmeyer, & McHale, 2012; Kowal & Kramer, 1997; McHale et al., 2000). Estes resultados poderão ser interpretados atendendo aos processos psicológicos experimentados na adultez emergente (e.g., nomeadamente a autocentração, onde o indivíduo experiencia uma maior autonomia e liberdade pessoal [Arnett, 2004; Baggio et al., 2014], o que poderá atenuar o impacto do tratamento parental diferenciado), às tarefas desenvolvimentais associadas a esta etapa (e.g., autonomização e separação da família de origem [Arnett, 2004; Brandão et al., 2012; Mendonça, Andrade, & Fontaine, 2009]) e às características relacionais da fratria nesta etapa desenvolvimental (e.g., maior simetria e menor oportunidade de contacto, foco na partilha de dificuldades [Buhrmester & Furman, 1990; Cicirelli, 1995; Mota & Rocha, 2012; Portner & Riggs, 2016]).

As diferenças encontradas em função do sexo e da homogeneidade das fratrias em relação à dimensão Afeto fraternal corrobora estudos anteriores (e.g., Scharf et al., 2005). O

facto de as fratrias femininas apresentarem um nível mais elevado de Afeto fraternal poderá dever-se ao facto de as mulheres, cultural e socialmente, tenderem a ser mais estimuladas para o afeto positivo e para as relações com os outros (Blier & Blier-Wilson, 1989; Brody, Lovas, & Hay, 1995; Brody, 2001).

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas nas dimensões Afeto e Hostilidade fraternal em função da composição da fratria e da diferença etária, o que não corrobora os resultados de trabalhos anteriores (e.g., Campione-Barr & Smetana, 2010; Furman & Buhrmester, 1985). Tal poder-se-á dever ao facto de este trabalho ter sido desenvolvido com uma amostra de adultos emergentes, já que nesta etapa as relações na fratria tornam-se mais simétricas, não sendo tão influenciadas pela diferença de idades (Buhrmester & Furman, 1990; Mota & Rocha, 2012).

Os resultados deste estudo não corroboraram os resultados de trabalhos anteriores (e.g., Carballo, 2013; Fernandes, 2002; Furman & Buhrmester, 1985; Taanila, 2004) que mostraram diferenças estatisticamente significativas nas dimensões do IRF em função da posição e da dimensão da fratria. Hipotetizamos que a ausência de diferenças significativas possa estar relacionada com a etapa desenvolvimental da amostra e com as características das relações na fratria nesta etapa, pois como já foi referido, nesta etapa os adultos emergentes tendem a estar mais centrados em si próprios e nos seus projetos e as relações fraternais tendem a ser mais simétricas (Buhrmester & Furman, 1990; Cicirelli, 1995; Portner & Riggs, 2016). Hipotetizamos que, perante uma maior simetria relacional, o afeto e hostilidade da relação entre irmãos não se altere significativamente consoante a posição e dimensão da fratria. Para além disso, atendendo ao facto de que os adultos emergentes tendem a passar menos tempo com as famílias, as oportunidades de interação e, consequentemente, de manifestação de afeto e hostilidade tendem a estar mais limitadas (Portner & Riggs, 2016). Neste sentido, há ainda que considerar o facto de a hostilidade na relação fraternal diminuir com a saída de casa de um irmão (Whiteman, McHale, & Crouter, 2010).

O IRF pode constituir-se um instrumento de avaliação das dimensões relacionais da fratria, permitindo caracterizar e diferenciar fratrias em contextos clínicos e de investigação. Constituindo-se como um contributo inicial para o estudo das propriedades psicométricas da versão portuguesa do IRF, este trabalho apresenta diversas limitações que restringem a sua validade. A amostra foi selecionada através de uma técnica de amostragem não probabilística (i.e., bola de neve) e, pelo facto de não ser representativa, os resultados têm um carácter marcadamente exploratório. A amostra é maioritariamente constituída por participantes do

sexo feminino, o que também constrange a validade deste trabalho. Outras limitações relevantes prendem-se com o facto de não ter sido estudada a estabilidade temporal do instrumento (teste-reteste) e de a validade discriminante não ter sido analisada. Em relação à validade convergente, o facto de esta não ter sido avaliada através da correlação entre o IRF e outro instrumento que meça um construto semelhante também constitui uma limitação deste estudo. De notar que o IRF foi desenvolvido inicialmente para uma população alvo de crianças e, neste trabalho, foi utilizado numa amostra de adultos emergentes. Poderá ser necessária a alteração de alguns itens, tornando-os mais adequados para esta população, sem mudar o sentido da frase. Ainda assim, os itens que poderiam ser considerados como tendo um conteúdo mais infantil (itens 4 e 5) demonstraram um peso fatorial adequado.

Os estudos futuros com o IRF deverão ser desenvolvidos de forma a superar estas limitações. Será necessário também replicar este estudo com amostras mais equitativas em termos da distribuição por sexo. Os trabalhos futuros também deverão contribuir para o processo de validação do IRF, analisando a validade convergente deste instrumento através da correlação com outro que avalie um construto similar, por exemplo, o Questionário de Relações na Fratria (adaptação para a população portuguesa por Mota e colaboradores [2011]). Para além disso, e tendo em conta a literatura na área, a validade discriminante poderia ser estudada futuramente através da correlação entre as dimensões do IRF e a Escala de Desejabilidade Social (versão original: Marlowe-Crowne; adaptação portuguesa por Pechorro, Vieira, Poiares e Marôco [2012]). Os estudos futuros deverão ainda ter em conta variáveis como a coabitação com o irmão/irmã, no sentido de perceber se existem diferenças na relação fraternal quando a fratria coabita. Poderá ser estudado o efeito moderador da coabitação na relação entre o afeto e a hostilidade fraternal e a sintomatologia psicopatológica. Também seria importante ter em consideração variáveis como a estrutura familiar (e.g., famílias monoparentais, reconstituídas), no sentido de perceber se o afeto e a hostilidade fraternal diferem em função da estrutura familiar (e.g., Yárnoz-Yaben & Garmendia, 2016).

Apesar das limitações apontadas e de não se ter encontrado suporte para algumas das associações esperadas no estudo da validade convergente, considera-se que o IRF é um instrumento que produz dados fiáveis e válidos, podendo ser utilizado por clínicos e por investigadores que pretendam avaliar as relações na fratria em amostras de adultos emergentes.

Referências

- Abramovitch, R., Corter, C., Pepler, D., & Stanhope, L. (1986). Sibling and peer interaction: A final follow-up and a comparison. *Child Development*, 57, 217-229.
- Adler, A. (2006). Position in family constellation influences life-style. In S. Slavik & J. Carlson (6th Ed.), *Readings in the theory of individual psychology*. New York: Routledge.
- Alarcão, M. (2000). *(Des)equilíbrios familiares: Uma visão sistémica* (1^a Ed.). Coimbra: Quarteto.
- Amato, P., & Sobolewski, J. (2007). Parents' discord and divorce, parent-child relationships and subjective well-being in early adulthood: Is feeling close to two parents always better than feeling close to one?. *Social Forces*, 85(3), 1105-1124. doi:10.1353/sof.2007.0056
- Angelopoulos, N. V. (2006). Relation of anxiety to hostility in the course of inpatient treatment. *Aggressive Behaviour*, 32, 1-6.
- Arnett, J. (2000). Emerging Adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469-480.
- Arnett, J. (2004). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. New York, NY: Oxford University Press.
- Arnett, J. (2007). Emerging Adulthood: What is it, and what is it good for? *Child Development Perspectives*, 1(2), 68-73.
- Baggio, S., Iglesias, K., Studer, J. & Gmel, G. (2014). An 8-item short form of the Inventory of Dimensions of Emerging Adulthood (IDEA) among young swiss men. *Evaluation & Health Professions*, 38(2), 246-254. doi:10.1177/0163278714540681
- Bertalanffy, L. (1977). *Teoria geral dos sistemas* (3^a Ed.). Rio de Janeiro: Vozes.
- Blier, M., & Blier-Wilson, L. (1989). Gender differences in self-rated emotional expressiveness. *Sex Roles*, 21(1/2), 287-295. doi:10.1007/BF00289908
- Brandão, T., Saraiva, L., & Matos, P. (2012). O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise Psicológica*, 30(3), 301-313.
- Brody, L., Lovas, G., & Hay, D. (1995). Gender differences in anger and fear as a function of situational context. *Sex Roles*, 32(1/2), 47-78. doi:10.1007/BF01544757
- Brody, L. (2001). *Gender, emotion and the family* (1^a Ed.). London: Harvard University Press.

- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, 32, 513-531.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22(6), 723-742.
- Buhrmester, D. & Furman, W. (1990). Perceptions of sibling relationships during middle childhood and adolescence. *Child Development*, 61, 1387-1398.
- Buist, K., Dekovic, M., & Prinzle, P. (2013). Sibling relationship quality and psychopathology of children and adolescents: A meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, 33, 97-106.
- Buist, K., & Vermande, M. (2014). Sibling relationship patterns and their associations with child competence and problem behavior. *Journal of Family Psychology*, 28(4), 529-537. doi:10.1037/a0036990
- Carballo, J., García-Nieto, R., Álvarez-García, R., Caro-Cañizares, I., López-Castromán, J., Muñoz-Lorenzo, L., ... Baca- García, E. (2013). Sibship size, birth order, family structure and childhood mental disorders. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 48, 1327-1333. doi:10.1007/s00127-013-0661-7
- Campione-Barr, N., & Smetana, J. (2010). “Who said you could wear my sweater?” adolescent siblings’ conflicts and associations with relationship quality. *Child Development*, 81(2), 464-471. doi:10.1111/j.1467-8624.2009.01407.x
- Canavarro, M. C. (1999). Inventário de Sintomas Psicopatológicos-BSI. In M., Simões, M., Gonçalves & L. S., Almeida (Series Eds.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (Vol. 2, pp. 1-27). Braga: APPORT/SHO.
- Cicirelli, V. (1973). Effects of sibling structure and interaction on children’s categorization style. *Developmental Psychology*, 9(1), 132-139.
- Cicirelli, V. (1991). Sibling relationship in adulthood. In S. Pfeifer and M. Sussman, *Families: intergenerational and generational connections* (pp. 291-310). New York: Haworth Pres.
- Cicirelli, V. G. (1995). *Sibling relationships across the life span*. New York: Plenum Press.
- Conger, K., & Little, M. (2010). Sibling relationship during the transition to adulthood. *Child Development Perspectives*, 4(2), 87-94. doi:10.1111/j.1750-8606.2010.00123.x
- DeVellis, R. (2017). *Scale development: Theory and applications* (4th Ed.). Thousand Oaks: SAGE.

- Fava, G. A., Anderson, K., Rosenbaum, J. F. (1990). “Anger attacks”: Possible variants of panic and major depressive disorders. *American Journal of Psychiatry*, 147, 867-870.
- Fernandes, O. M. (2002). *Semelhanças e diferenças entre irmãos*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Feinberg, M., Solmeyer, A., & McHale, S. (2012). The third rail of family systems: Sibling relationships, mental and behavioral health, and preventive intervention in childhood and adolescence. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 15(1), 43-57. doi:10.1007/s10567-011-0104-5
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS* (3rd Ed.). London: Sage Publications.
- Foulds, G. A. (1965). The significance of intra-individual diagnostic levels. *British Journal of Psychiatry*, 111, 761–768.
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1985). Children’s perceptions of the qualities of sibling relationships. *Child Development*, 56, 448-461.
- Gamble, W., & Yu, J. (2014). Young children’s sibling relationship interactional types: Associations with family characteristics, parenting, and child characteristics. *Early Education and Development*, 25, 223-239. doi:10.1080/10409289.2013.788434
- Gates, L., Lineberger, M., Crockertt, J., & Hubbard, J. (1998). Birth order and its relationships to depression, anxiety, and self-concept test scores in children. *The Journal of Genetic Psychology*, 149(1), 29-34.
- Henriques, C., Jablonski, B., & Féres-Carneiro, T. (2004). A “geração canguru”: Algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. *PSICO*, 35(2), 195-205.
- Hindman, J., & Hook, S. (2013). Contributions of executive, parent-child, and sibling subsystems to children’s psychological functioning. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 2(4), 294-308.
- Hodapp, R. & Urbano, R. (2007). Adult siblings of individuals with Down Syndrome versus with Autism: findings from a large-scale US survey. *Journal of Intellectual Disability Research*, 51(12), 1018-1029.
- Howe, N., Aquan-Assee, J., Bukowski, W., Lehoux, P., & Rinaldi, C. (2001). Siblings as confidants: Emotional understanding, relationship warmth, and sibling self-disclosure. *Social Development*, 10(4), 439-454. doi:10.1111/1467-9507.00174
- Hutcheson, G., & Sofroniou, N. (1999). *The multivariate social scientist*. London: Sage.
- INE (2014). A população jovem em Portugal diminuiu em quase meio milhão de pessoas. Acesso em janeiro, 2018. Retirado de

https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=219390724&DESTAQUESmodo=2

- Kowel, A., & Kramer, L. (1997). Children's understanding of parental differential treatment. *Child Development*, 68(1), 113-126. doi:10.1111/j.1467-8624.1997.tb01929.x
- Larzelere, R., & Huston, T. (1980). The dyadic trust scale: Toward understanding interpersonal trust in close relationships. *Journal of Marriage and the Family*, 42(3), 595-604.
- Lopes, P. P., Fernandes, O. M., & Relva, I. C. (2017). A violência como tática de resolução de conflitos entre irmãos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 113, 149-172.
- Lorenz, K. (2003). *A agressão – Uma história natural do mal*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Marôco, J. (2014). *Análise estatística com o SPSS Statistics* (6ª Ed.). Pêro Pinheiro: Report Number.
- Martin, M., Anderson, C., Burant, P., & Weber, K. (1997). Verbal aggression in sibling relationships. *Communication Quarterly*, 45(3), 304-317. doi:10.1080/01463379709370067
- McHale, S., Updegraff, K., Jackson-Newsom, J., Tucker, C., & Crouter, A. (2000). When does parents' differential treatment have negative implications for siblings?. *Social Development*, 9, 149-172. doi:10.1111/1467-9507.00117
- McHale, S., Updegraff, K., & Whiteman, S. (2012). Sibling relationship and influences in childhood and adolescence. *Journal of Marriage and Family*, 74, 913-930. doi:10.1111/j.1741-3737.2012.01011.x
- Mendonça, M., Andrade, C., & Fontaine, A. (2009). Transição para a idade adulta e adultez emergente: Adaptação do questionário de marcadores da adultez junto de jovens portugueses. *Psychologica*, 51, 147-168.
- Meyers, L., Gamst, G., & Guarino, A. (2017). *Applied multivariate research: Design and interpretations* (3rd ed.). Thousand Oaks: SAGE.
- Mikkelsen, A. (2014). Adult sibling relationships. In K. Floyd & M. Morman (2nd Ed.), *Widening the family circle: New research on family communication* (pp. 19-34). USA: Sage publications.
- Milevsky, A. (2005). Compensatory patterns of sibling support in emerging adulthood: Variations in loneliness, self-esteem, depression and life satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22(6), 743-755.

- Milevsky, A., & Heerwagen, M. (2013). A phenomenological examination of sibling relationships in emerging adulthood. *Marriage & Family Review*, 49, 251-263.
- Minuchin, S. (1974). *Families & family therapy*. Cambridge: Harvard University Press.
- Mota, C., Fernandes, O., & Serra, L. (2011). *Sibling Relationship Questionnaire* (Manuscrito não publicado). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Mota, C. & Rocha, M. (2012). Adolescência e jovem adultícia: Crescimento pessoal, separação-individuação e o jogo das relações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 357-366.
- Orucu, M., & Er, S. (2017). Communication satisfaction and trust among turkish adolescent siblings. *Social Behavior and Personality*, 45(1), 143-154. doi:10.2224/sbp.5664
- Pais-Ribeiro, J. (2007). *Metodologia de investigação em psicologia e saúde*. Porto: Legis Editora.
- Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R. (2001). *Human development* (8th Ed.). New York: McGraw-Hill Companies.
- Pechorro, P., Vieira, R., Poiares, C., & Marôco, J. (2012). Contributos para a validação duma versão curta da escala de desejabilidade social de Marlowe-Crowne com adolescents portugueses. *Arquivos de Medicina*, 26(3), 103-108.
- Peets, K., Hodges, E., Kikas, E., & Salmivalli, C. (2007). Hostile attributions and behavioral strategies in children: Does relationship type matter?. *Developmental Psychology*, 43(4), 889-900. doi:10.1037/0012-1649.43.4.889
- Pinheiro, A., Fernandes, O., & Relva, I. (2017). Fratria: Tratamento parental diferenciado e estados emocionais negativos. *Psicologia*, 31(1), 17-26. doi:10.17575/rpsicol.v31i1.1140
- PORDATA (2017a). Idade média ao primeiro casamento. Acesso em maio, 2018. Retirado de <https://www.pordata.pt/Portugal/Idade+m%C3%A9dia+ao+primeiro+casamento++p+or+sexo-421-5200>
- PORDATA (2017b). Idade média ao primeiro casamento. Acesso em maio, 2018. Retirado de <https://www.pordata.pt/Portugal/Idade+m%C3%A9dia+ao+primeiro+casamento++p+or+sexo-421>
- PORDATA (2017). Dimensão média dos agregados domésticos privados. Acesso em janeiro, 2018. Retirado de <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela>

- Portner, L., & Riggs, S. (2016). Siblings relationship in emerging adulthood: Associations with parent-child relationship. *Journal of Child and Family Studies*, 25(6), 1755-1764. doi:10.1007/s10826-015-0358-5
- Relvas, A. (1996). *O ciclo de vital da família. Perspetiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Repetti, R. L. (1987). Linkages between work and family roles. In S. Oskamp (Ed.), *Applied social psychology annual* (Vol. 7, pp. 98–127). Beverly Hills, CA: Sage.
- Ross, H., & Milgram, J. (1985). Important variables in adult sibling relationships: a qualitative study. In M. Lamb and B. Sutton-Smith, *Sibling relationships: their nature and significance across lifespan* (pp. 225-234). New York: Psychology Pres.
- Sanders, R. (2004). *Sibling Relationships – theory and issues for practice*. New York: Palgrave Macmillan.
- Scharf, M., Shulman, S., & Avigad-Spitz, L. (2005). Sibling relationships in emerging adulthood and in adolescence. *Journal of Adolescence Research*, 20(1), 64-90. doi:10.1177/0743558404271133
- Serra, L., & Mota, C. (2013). *Qualidade da relação entre irmãos e outras figuras significativas em adolescentes institucionalizados: desenvolvimento de psicopatologia e comportamentos desviantes*. (Tese de Mestrado). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Silva, S., & Ferreira, J. (2009). Família e ensino superior: Que relação entre dois contextos de desenvolvimento?. *Exendra*, 1, 101-126.
- Silveira, P., & Wagner, A. (2006). Ninho cheio: A permanência do adulto jovem em sua família de origem. *Estudos de Psicologia*, 23(4), 441-453.
- Souza, M. S., & Baptista, M. N. (2008). Associações entre suporte familiar e saúde mental. *Psicologia Argumento*, 26, 207-215.
- Stocker, C. M., & McHale, S. M. (1992). The nature and family correlates of preadolescents' perceptions of their sibling relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 9, 179-195.
- Taanila, A., Ebeling, H., Kotimaa, A., Moilanen, I., & Jarvelin, M. (2004). Is a large family a protective factor against behavioural and emotional problems at the age of 8 years?. *Acta Paediatrica*, 93(4), 508-517. doi:10.1111/apa.2004.93.4.508

- Terwee, C., Bot, S., Boer, M., Windt, D., Knol, D., Dekker, J., ... Vet, H. (2007). Quality criteria were proposed for measurement properties of health status questionnaires. *Journal of Clinical Epidemiology*, 60(1), 34-42. doi:10.1016/j.jclinepi.2006.03.012
- Wall, K., Aboim, S., & Leitão, M. (2010). *Observatório das famílias e das políticas de família*. Centro de Investigação e estudos de sociologia. ISCTE.
- Wamper, K., Sierevelt, I., Poolman, R., Bhandari, M., & Haverkamp, D. (2010). The harris hip score: Do ceiling effects limit its usefulness in orthopedics?. *Acta Orthopaedica*, 81(6), 703-707.
- Whiteman, S., McHale, S., & Crouter, A. (2010). Family relationships from adolescence to early adulthood: Changes in the family system following firstborns' leaving home. *Journal of Research on Adolescence*, 21(2), 461-474. doi:10.1111/j.1532-7795.2010.00683.x
- Yáñez-Yaben, S., & Garmendia, A. (2016). Parental divorce and emerging adults' subjective well-being: The role of "carrying messages". *Journal of Child and Family Studies*, 25(2), 638-646. doi:10.1007/s10826-015-0229-0